

Mudanças nas representações femininas fílmicas do estúdio Walt Disney do século XX: a princesa clássica Branca de Neve (1937) e a revolucionária Mulan (1998)

RESUMO

Durante o Século XX ocorreram mudanças na representação fílmica feminina nas produções dos estúdios Walt Disney, de acordo com os avanços da sociedade e conseqüentemente do gênero feminino. Dessa forma, o objetivo deste estudo é analisar as mudanças ocorridas nas representações femininas de dois filmes de animações do estúdio Disney do século XX – Branca de Neve e os Sete Anões de 1937 e Mulan de 1998 –, assim como refletir sobre o discurso transmitido ao público infanto-juvenil por esses filmes. A pesquisa é baseada em análises de documentos referentes a filmes, sites, livros entre outros que abordem os estudos do gênero feminino e a sua ascensão na sociedade. Com base nas análises realizadas, é possível perceber que as mulheres são representadas pela Disney de acordo ao modelo ideal da sociedade patriarcalista, como demonstrado em 1937 pela princesa Branca de Neve. Tendo em vista que houve uma significativa mudança social após a entrada das mulheres no mercado de trabalho, os avanços em relação ao gênero feminino são retratados em 1998, por meio do comportamento transgressor da princesa Mulan, que vai à guerra no lugar de seu pai. Para esta última produção, a Disney se baseia no conto original chinês, mas acrescenta elementos para um desfecho comumente encontrado em suas produções sobre princesas: o conhecido “felizes para sempre”.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero feminino. Princesas Disney. Contos de Fadas.

Verônica Caroline de Matos Ferreira
veronicacarolineferrero@gmail.com
Universidade Federal de Mato Grosso
do Sul, Brasil

Josiane Peres Gonçalves
josianeperes7@hotmail.com
Universidade Federal de Mato Grosso
do Sul, Brasil

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas estão presentes tanto na vida das crianças quanto na dos adolescentes, seja por meio da oralidade ou pelas produções cinematográficas, em especial as adaptações realizadas pelo estúdio Walt Disney. Sendo assim, este público-alvo infanto-juvenil convive com os contos desde o seu nascimento, escutando as histórias infantis por meio de seus pais ou responsáveis ou por meio de seus amigos. A partir do momento em que lhes é apresentado os contos infantis por meio da Televisão, DVD, ou o conto falado oralmente, eles já se apegam aos personagens ou identificam-se com a história que está sendo narrada.

As histórias apresentadas nos filmes, principalmente os do estúdio Disney, são baseadas em contos de uma época distante, em que os comportamentos femininos esperados e representados eram diferentes em comparação com a data do lançamento das novas versões cinematográficas. Assim, as crianças e adolescentes costumam se identificar com a protagonista e torcer para que elas saiam vencedoras, para que assim tenham a esperança e a certeza de que no final da situação em que estão vivendo também terão os “felizes para sempre” como é exibido pelo estúdio Disney.

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho consiste em analisar as representações femininas em dois filmes do estúdio Disney, sendo eles Branca de Neve e os Sete Anões datado de 1937, do século XX, caracterizada pela Princesa Clássica; e a Mulan lançada em 1998, denominada de Princesa Revolucionária, que se encontra representada enquanto ideal do estereótipo feminino do final do século XX. As princesas são diferentes entre si, devido sua época de lançamento e o seu contexto vigente de sociedade, pertencentes a cada tempo.

Por meio desta pesquisa, espera-se contribuir com a comunidade científica, no que tange as mudanças sociais ocorridas em relação às representações femininas dos filmes e animações do estúdio Disney, sendo analisadas duas princesas do século XX, uma estando o foco na década de 1930 e sendo a primeira princesa lançada pelo estúdio, e a outra no final do século, assim como o significado dos contos para o público infanto-juvenil e o envolvimento com a história.

Portanto, o estudo encontra-se organizado da seguinte maneira: o papel dos gêneros femininos em breve contraste com os gêneros masculinos; a subordinação e ascensão das mulheres na história; os significados dos contos para o público infanto-juvenil; A Princesa Clássica (Branca de Neve e os Sete Anões) 1937 e A Princesa Revolucionária (Mulan) 1998.

GÊNERO E FEMINILIDADES: SUBORDINAÇÃO E ASCENSÃO

A mulher contemporânea não é a mesma que foi no passado. Visto que a sociedade está em constante transformação tanto nas produções cinematográficas quanto no papel desempenhado por elas antigamente em analogia com a atualidade. Conforme Carvalho (2014, p. 34), “Desde os primórdios da vida humana, o mundo experimenta uma evolução contínua do valor social das mulheres, principalmente nas últimas décadas”. A autora ainda salienta que “Atualmente as mulheres são donas de si, podendo escolher quais caminhos seguirão em suas vidas”.

Por este prisma, pode-se notar segundo Carvalho (2014) que as produções cinematográficas do Estúdio Walt Disney está teletransportando tais traços (r)evolucionários em suas produções, mesmo de forma gradativa. Contudo, desde a antiguidade, há diferenciações na representação entre os homens e as mulheres, pois, cada um exerce um papel social. Até o século XIX, havia poucos ensinamentos voltados ao papel social da mulher, como se fossem ignoradas pela História. Perrot (1995) salienta que a vida privada e o cotidiano das mulheres foram encobertos, desse modo, as poucas mulheres que aparecem é devido suas intervenções prejudiciais ou está relacionada a sua beleza e heroísmo.

Além do papel social distintos e aceitos perante a sociedade entre os sexos, havia a diferenciação no que tange a divisão dos poderes. De acordo com Perrot (1988), às mulheres são destinados os poderes informais, as influências, os bastidores, os poderes domésticos, enquanto que aos homens cabe-lhes o poder do espaço público, político, o das decisões e o poder do Estado.

Nesse contexto, as mulheres pertencem a esfera privada e os homens a esfera pública, podendo ser visto por meio das animações dos estúdios Walt Disney pelas representações femininas ao decorrer dos tempos. Para Nader (2002), a supervalorização das masculinidades deu-se por meio do imaginário social desde a antiguidade, visto que as narrações a respeito dos deuses romanos e gregos evidenciavam a inteligência e a força física, ideia esta perpassada durante gerações. O que auxiliou a consolidar o poderio dos gêneros masculinos.

Diante do exposto, é possível perceber que as mulheres foram vistas desde os primórdios como subordinada aos homens, isto, de acordo com Machado (2016, p. 15), devido as expectativas do patriarcalismo e a sua forma de relacioná-la de modo pejorativo como “[...] selvagem, irracional e inferior quando comparada ao homem, tido como civilizado, racional e superior”.

Entretanto, mesmo com essas analogias entre os gêneros, só é possível devido as relações entre os gênero que, segundo Carvalho (2014), são construídas a partir da interação entre ambos e dessa maneira a desvalorização ou a valorização se constitui independentemente de suas atividades desenvolvidas, e sim de acordo com a interação de um gênero com o outro na sociedade.

Com o decorrer do tempo, as mulheres conquistaram lugares e adquiriram posição social que lhes possibilitou em uma ascensão na sociedade, inclusive nos universos masculinos. Mas, estas conquistas e ascensão social ocorre de forma morosa, visto que só foi possível devido a Primeira Guerra Mundial associada a crescente industrialização, o que proporcionou uma divisão na vida das mulheres, já que enquanto os homens estavam nas guerras, as mulheres passaram a trabalhar nas indústrias. Entretanto, foi na Segunda Guerra Mundial onde houve a consolidação no mercado de trabalho (CARVALHO, 2014).

Paralelamente, os avanços sociais conquistados pelas mulheres foram sendo retratados pelos filmes da Disney, principalmente por meio das Princesas Clássicas (1937 – 1959), posteriormente pelas Princesas Revolucionárias (1989 – 1998) e as Princesas Contemporâneas (2002 - 2016). Entretanto, neste trabalho serão analisados somente as princesas Branca de Neve de 1937 e Mulan de 1998.

OS SIGNIFICADOS DOS CONTOS PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL

Qual seria o motivo que leva as crianças a escutarem histórias como “A Bela e a Fera”, “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “Cinderela”, “Branca de Neve” e tantos outros contos uma vez e logo em seguida querer ouvir novamente? Ou o que as levam a assistir o filme uma vez e pedirem de forma repetitiva aos seus pais para que reproduzam novamente o filme que passou há alguns dias atrás? O que as motiva, as fazem recontar aos seus colegas várias vezes, a comentarem com eles sobre o filme que assistiu e se sentirem parte daquele universo, incorporando tanto os mocinhos quanto os vilões das histórias?

De acordo com Bettelheim (2011), a razão de as crianças apreciarem os contos de fadas é que estes retratam o mundo, por meio de representações sobre o que é visto como bom ou ruim, como bem ou o mal. Assim, os personagens representados são bons e altruístas ou são maus ferozmente. São animais prestativos ou devoradores. Bettelheim (2011, p. 108) afirma que “[...] ou se é só coragem ou só medo; o mais feliz ou o mais miserável; o mais bonito ou o mais feio; o mais esperto ou o mais tolo; ou se ama ou se odeia, não há nunca um meio termo”.

Não tendo um meio termo, cada personagem é conforme Bettelheim (2011, p. 108) “[...] essencialmente unidimensional, possibilitando à criança compreender com facilidade suas ações e reações”. Ou seja, os contos permitem às crianças reorganizarem e compreenderem seus sentimentos confusos de maneira em que organizem cada uma de suas emoções separadamente e de forma concisa.

De forma similar, Batista, Reis e Souza (2015) citam os contos de fadas com a possibilidade de proporcionar a descoberta do mundo com intrigas, impasses, conflitos e a solução que cada personagem encontrou para a resolução de seus problemas. Revelam às crianças que os problemas em que estão passando em seu interior serão solucionados em breve como toda a história.

Ainda de forma simbólica e prazerosa, os contos reproduzem as dificuldades, os complexos das crianças, de maneira que é possível elas se projetarem nessas narrativas, fortalecendo e solucionando suas experiências internas; além de contribuir para o exercício da imaginação, os contos exercem um grande fascínio nas crianças, são caminhos de descoberta e compreensão do mundo (BATISTA; REIS; SOUZA, 2015, p. 1).

Sendo assim, os contos de fadas não apenas separam e isolam os diferentes e confusos aspectos das experiências em polos, mas vão idealizar em personagens divergentes cada sentimento. Assim, as crianças produzirão em seus contos e personagens favoritos seus medos, angústias, alegrias, tristezas, incertezas, falhas, pavor, fobia, horror, preocupação, ansiedade, covardia, fraqueza, agrado, felicidade, entusiasmo e esperança.

Bettelheim (2011) indica que os contos de fadas só alcançarão um sentido para as crianças quando é ela quem intuitivamente de forma natural descobre seus significados ocultos. Esse reconhecimento faz com que ela se aproprie e crie para si um significado. Não acontecendo o mesmo caso um adulto dê a criança essa noção.

O conto de fadas procede de um modo conforme aquele segundo o qual uma criança pensa e experimenta o mundo; é por isso que ele é tão convincente para ela. A criança pode obter um conforto muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para confortá-la baseado em raciocínios e pontos de vistas adultos. Uma criança confia no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua (BETTELHEIN, 2011, p. 67).

Dessa maneira, as crianças confiam nos contos de fadas por conta da sua visão de mundo ser parecida com o conto apresentado ou visto e continuamente esses contos demonstram um caminho para um amanhã melhor, sendo evidenciado o caminho para a mudança, transformação e não apenas a receita da felicidade a ser obtida. Isto é, as histórias iniciam em um determinado ponto onde as crianças se encontram e após se encontrarem, sugerem o caminho ao qual a criança deve ir, seu foco está no processo da caminhada. (BETTELHEIN, 2011).

O mundo a qual a criança enxerga é diferente ao qual o adulto se encontra, pois para eles a conexão com o personagem é a sua realidade sendo refletida em uma tela de televisão, enquanto que para o adulto, por vezes é uma forma de entretenimento.

A PRINCESA CLÁSSICA: BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES (1937)

Branca de Neve e os Sete Anões retrata a história de uma garota com os cabelos negros como a noite, lábios vermelhos como uma rosa e pele branca como a neve, que após o falecimento de seus pais, fica órfã e aos cuidados de sua madrasta obcecada por ser a pessoa mais linda do reino, com medo que a beleza de sua enteada excedesse a sua, a mantêm como criada no castelo. Após um tempo, quando a Rainha Má questiona seu mágico espelho a respeito de “Espelho, espelho meu. Quem é, mais bela do que eu?” e se depara com uma resposta indesejada dita por ele, logo trata de contratar um caçador para que a mate e traga o coração de Branca de Neve para si, para que possa comer por inveja da beleza da enteada. Porém, o caçador não consegue concluir a tarefa e deixa Branca de Neve fugir correndo para a floresta. Desse modo, encontra refúgio na casa dos sete anões, contudo este refúgio teria um preço a ser pago, onde Branca de Neve deveria “lavar, varrer, costurar e cozinhar”, só assim, os anões aceitaram a sua presença em sua casa. Quando a Rainha Má descobre tal feito, vai até seu caldeirão e envenena uma maçã onde faz a linda princesa cair engasgada, com uma mordida.

Os anões ao saberem da tragédia, correm atrás da Rainha Má, só que a mesma cai em um precipício e morre. Os anões por não quererem enterrar a princesa, devido sua beleza, a colocam em uma redoma de cristal, até ser despertada por um beijo do príncipe, casam-se e vivem felizes para sempre.

É importante destacar os estereótipos relativos à ideia de feminilidades, como é o caso da beleza, por exemplo, visto que a madrasta insiste em querer manter a boa aparência e sente inveja da jovem enteada que foi considerada mais bonita que ela. Também a princesa, ao ser considerada como morta, deixou de ser enterrada devido à sua beleza e ainda acabou por encontrar o homem que a salvou e se casou com ela.

O casamento é outro estereótipo presente no filme e representa a ideia de que, para as mulheres, não há outra possibilidade de escolha na vida pessoal, restando-lhes como única alternativa o casamento, ou a presença de um homem para lhes garantir a segurança e a sobrevivência.

O filme *Branca de Neve e os Sete Anões* também retrata outro estereótipo relacionado às feminilidades, devido às atividades desenvolvidas pela princesa, como lavar, varrer, costurar e cozinhar. Historicamente, essas atividades domésticas foram desempenhadas pelas mulheres e, na atualidade, apesar das conquistas dos movimentos feministas, as mulheres é que predominantemente continuam realizando essas tarefas, conforme destaca Gonçalves e Ternovoe (2017).

Além do mais, os estereótipos de gêneros presentes no filme corroboram com os pressupostos de Oliveira (2001, p. 46) de que historicamente foram construídos estereótipos que “[...] têm associado aos homens à força, à política, e as mulheres à casa e aos cuidados com a aparência”. Ou seja, o príncipe forte salvou a princesa que era bela e cuidava da casa.

Nota-se que as princesas do estúdio Walt Disney foram se transformando de acordo a época em que se encontravam. Dessa forma, pode-se perceber que as Princesas intituladas neste trabalho como clássica, possuem um padrão similar entre si. Com uma pequena distinção para a última Princesa a Aurora de “*A Bela Adormecida*” datada de 1959, contudo para a realização deste trabalho delimitou-se a analisar apenas a primeira princesa, sendo *Branca de Neve*.

O primeiro longa-metragem de Walt Disney é o intitulado “*Branca de Neve e os sete anões*”, foi baseado, conforme Souza e Fernandes (2009), no conto dos irmãos Wilhelm e Jacob Grimm entre os anos de 1812 a 1822. Mas, o estúdio Walt Disney só a lançou no ano de 1937. As primeiras princesas, conforme Pimenta (2009), estavam inseridas em um ideal comportamental adequado a época de sua criação. Pois, de acordo com Aguiar e Barros (2015, p. 6), foi somente “[...] duas décadas após a “primeira onda” de o movimento feminista alcançar, no Reino Unido, sua primeira conquista, qual seja, o direito ao voto, o que no Brasil, aconteceu em 1932”.

Ou seja, a mulher gradativamente obteve êxito, contudo foi somente através de lutas que aconteceu tais mudanças, por meio da primeira onda do movimento feminista que isto foi exequível. Tozi (2017) salienta que o direito ao voto era exclusivo aos homens, principalmente aos mais abastados. Como estava ocorrendo mudanças no cenário do século XX, as ativistas provocaram mobilizações pelo direito ao voto das mulheres, sendo conhecidas por meio deste movimento como as Sufragistas.

Assim, menciona Tozi (2017) que em cada parte do país as mulheres alcançaram seu direito ao voto em anos e espaços distintos uns dos outros. Sendo desse modo que:

Entre 1890 e 1994, mulheres da maioria dos Estados adquiriram o direito de votar e se candidatar a um cargo público. Ainda assim, tempo e espaço são duas variáveis que diferem muito quando tratamos dessa conquista: o que em 1906 foi uma grande vitória para as finlandesas aconteceu na África do Sul somente em 1993 e na Arábia Saudita em 2011. (TOZI, 2017, p. 1).

Percebe-se assim que houve uma linha de tempo longínqua no que se refere a conquista do voto as mulheres em diversos espaços, no Brasil ocorreu no ano de 1932 e o mais tardio aconteceu no ano de 2011 pelas mulheres da Arábia Saudita.

Por esta contextualização da conquista pelo direito ao voto, pode-se notar que o estúdio Walt Disney representava suas princesas, conforme Aguiar e Barros (2015, p. 6) como “[...] a mulher ideal para a sociedade patriarcal da época”. Pois, os atributos morais e físicos permaneciam conforme a sociedade aspirava. De forma semelhante, Breder (2013), Aguiar e Barros (2015) salientam que a princesa demonstrava prazer em cuidar dos sete anões, pelas atividades domésticas, em forma de agradecimento pelo acolhimento em sua casa e esconderijo proporcionado no meio da floresta.

Portanto, como sinaliza Aguiar, Barros (2015, p. 6), a “Branca de Neve representa a mulher idealizada nos anos 30: dona de casa, mãe, sem qualquer desejo e/ou perspectiva de ingressar no mercado de trabalho”. Demonstrando felicidade e satisfação ao realizar os afazeres domésticos e futuramente cuidando de sua prole, pois, não deveria fazer isto por obrigação, deveria ter orgulho de ser uma boa dona de casa. Dessa forma, a princesa representava o ideal de mulher para esta época da sociedade, um século predecessor à Segunda Guerra Mundial, em que as mulheres estavam longe do ingresso ao mercado de trabalho.

Entretanto, já existiam homens que visualizavam identidades femininas divergentes ao qual as mulheres se encontravam neste período de tempo. Segundo Gabler (2009), quando os desenhistas foram produzir a protagonista, entraram em discordância, porque cada um tinha uma visão diferente de como iriam a representar. Um queria que a princesa fosse ativa e mais crescida e o outro queria que ela fosse inocente e com um aspecto infantilizado. Contudo, a visão de uma protagonista meiga e inocente sobressaiu-se e ao longo dos anos vem sendo usada para a constituição de outras princesas.

Dessa maneira, pode-se notar que por mais que haja a visão de uma constituição identitária diferente aos gêneros femininos na sociedade, ainda estava arraigado a doçura, meiguice e a infantilidade femininas presentes no século XX.

A PRINCESA REVOLUCIONÁRIA: MULAN (1998)

Após meio século e um ano de distância do filme Branca de Neve e os Sete Anões (1937) é estreado o filme intitulado de Mulan, datado de 1998. Para Neto (2016) e Klimczak (2016), o filme foi baseado em um conto chinês do século VI denominado de

A Balada Mulan”. “Hua Mulan é uma das mulheres mais lendárias da China Antiga. Apesar de sua fama, não existe prova arqueológica de que ela realmente viveu. Entretanto, contos sobre suas ações heróicas se encontram preservados num texto antigo (KLIMCZAK, 2016, p. 1, grifos da autora).

Mas, a versão original não se encontra datada corretamente, visto que Hua Mulan é símbolo da cultura chinesa desde os tempos antigos e seu nome significa “flor da magnólia”. Todavia, sua genealogia está incerta e a única informação

resoluta é a de que ela viveu durante o período da era cristã entre os séculos IV e V (NETO, 2016).

Com a adaptação realizada pelo estúdio Disney, há divergência em sua história original, com alterações que chamassem a atenção do público para que fossem prestigiar a obra cinematográfica. Em *Mulan* (1998) é mostrado a história de uma jovem que ao presenciar seu pai sendo convocado para a guerra pelo Conselheiro Imperial, mostra uma atitude inadequada, sendo humilhada por ele onde afirma que Mulan por ser mulher, deveria dobrar a sua língua na presença de homens. Dessa maneira, na calada da noite, corta seu cabelo preto longo, vai até ao quarto de seus pais e pega o uniforme do exército, como a posse de Khan, o cavalo de seu pai. Porque o mesmo já era avançado em idade e estava com um ferimento no joelho, juntando-se assim na luta contra a invasão dos hunos.

Ela se veste como homem e é conhecido como Ping, luta com o exército bravamente e “[...] usa sua perspicácia para compensar a falta de força física exigida por algumas tarefas” (BREder 2012, p. 38). Fã Mulan é responsável pela vitória e a elevação da moral da tropa de novatos que ao final do treinamento transformam-se em valentes soldados. É ela que durante a batalha contra o Exército Huno tem a ideia de usar o último foguete explosivo para provocar uma avalanche e não tentar matar o líder do exército, como seus companheiros outrora fizeram.

Porém, durante a batalha é ferida com a execução bem-sucedida de salvamento do General Shang e assim, descobrem seu segredo e ela é “[...] expulsa, humilhada e desacreditada” (BREder, 2013, p. 38). Só que este momento foi necessário, porque assim ela descobre que os hunos ainda sobreviveram a avalanche provocada por si e estão indo ao Palácio atacar o Imperador e dominar a China. Nas cenas posteriores, ninguém acredita em si, pelo fato de estar vestida novamente como mulher, porém seus amigos de batalha acreditam em seu plano e enfrentam os hunos. Conseguindo Mulan a honra de derrotar o vilão em sua luta final com o auxílio de um leque, sem perder sua feminilidade. Sendo reconhecida pelo próprio Imperador que se curva diante de si, assim como toda a China e agraciada com grandes honras meritosas.

A Disney fez modificações em seu final pois, em “A Balada Mulan” como aponta Neto (2016), há muitas versões existentes e algumas citam que durante 12 anos no exército como homem, Hua Mulan, estava cansada e queria mostrar sua verdadeira identidade, apoiada pelo general (que ao descobrir que seu soldado era mulher, acabou se apaixonado por ela e vice-versa, mantendo seu segredo) liderou a tropa em uma última batalha e os inspiraram pois, viram que o melhor guerreiro entre si era na verdade uma mulher e a seguiram. Ela obteve honras meritosas, contudo, recusou todas, pois só queria voltar para a casa e ver seus pais, sendo recebida com satisfação por seus pais e irmãos mais novos. Em outra versão ela recusa as honras e quando é concedida a possibilidade de voltar ao seu lar, descobre que seu pai havia morrido há algum tempo, desolada acaba com a própria existência.

Mas a Disney finaliza a produção com um final feliz onde a protagonista, volta ao lar, traz honra a sua família e termina “feliz para sempre” com seu príncipe, o general Shang, bem como a mudança de seu primeiro nome, sendo agora Fã Mulan, e não mais Hua Mulan.

Assim, pode-se notar que tanto na animação quanto no conto existente, sua essência permaneceu, porque ela não queria conquistar fama nem prestígio, apenas que seu pai, avançado em idade, não fosse a guerra.

Ao contrário de outros homens, Hua Mulan não se alistou na guerra para conquistar mérito, fama ou realizar grandes façanhas militares. Como mulher, ela sabia que não podia esperar tais coisas, embora inevitavelmente tivesse conseguido tudo isso e muito mais. Seus motivos para se juntar ao exército, porém, foram mais simples, [...]. Ela queria cumprir o “dever” de seu pai, servindo o país com fidelidade. Na cultura chinesa, seu nome é sinônimo de bondade, coragem, determinação, perseverança e modéstia, sendo uma personagem celebrada em vários textos, ilustrações e estátuas. (NETO, 2016, p. 1).

Portanto, nota-se que o papel feminino desempenhado no filme *Mulan* 1998, teve uma significativa mudança para o contexto final do século XX. Nesse sentido, Breder (2013) discute abertamente sobre o que se espera e determina-se dos gêneros femininos e masculinos a ser efetuado durante a exibição fílmica e questiona esses papéis, mostrando uma heroína muito mais capaz do que seus companheiros homens.

Logo no início, aparece Mulan colando em seu braço sobre os deveres de como ser uma boa esposa. Falhando dessa maneira quando foi até a casamenteira e ela deu o veredicto de que ela nunca traria honra a sua família, porque na China, como menciona Aguiar e Barros (2015), as mulheres se limitavam aos cuidados e aos afazeres domésticos, enquanto os homens iam as guerras. E Fã Mulan, não se enquadrava neste padrão comportamental, não gostava de maquiagem, das suas vestimentas e não desejava se casar, apenas aceitava as repreensões para agradar a sua família.

De acordo com Neto (2016, p. 1, grifos do autor), durante o século VI a.C, as mulheres “[...] por terem uma natureza briguenta, ciumenta e mesquinha, eram, portanto, ‘inferior’ aos homens.” E por serem consideradas inferiores, deveriam se “domar” a estes instintos femininos, sendo educadas de maneira básica, tendo que seguir apenas a doutrina do confucionismo, para que as tarefas domésticas a serem realizadas fossem efetuadas com perfeição, assim como se era o esperado pelas boas esposas.

O referido autor também destaca que as mulheres ainda deveriam ser casta a todo o custo e deveriam se casar entre seus 16 e 20 anos de idade. Podendo, mesmo após casada ser repudiada, pois, se a família ou o marido se desagradasse da nova esposa, havia um período de quatro meses de teste, para a oficialização do matrimônio. E havia a elevação de seu status quando se tornavam mães, principalmente se fosse de um menino.

A liberdade feminina só aconteceu depois das variações das dinastias com os séculos seguintes e, nesse contexto, a Disney produziu um discurso no sentido de mostrar “[...] que mulher tem tanta capacidade, coragem e força quanto o homem, podendo perfeitamente assumir qualquer papel que, por uma ideologia machista somente poderia ser desempenhado por este.” (AGUIAR; BARROS, 2015, p. 10).

Ou seja, a Disney seguiu a estrutura do conto de “A Balada Mulan” e re/apresentou uma mulher que fez a diferença em uma área que só era permitido aos homens. E a retratou de forma que no final do século XX fosse questionadora

a respeito de seu lugar na sociedade, em concordância ao contexto atual onde a produção foi realizada. Diferente da primeira mulher princesa que tinha prazer nos afazeres domésticos e sonhava com o seu príncipe encantado, mas, foi representada de acordo a sua época de lançamento, conforme a sociedade atual daquele tempo esperava de uma mulher.

Porém, embora tendo características diferentes das princesas frágeis e dóceis, como a Branca de Neve, por exemplo, a Mulan também termina a história casada com um príncipe. Tal fato evidencia que nos filmes de princesas da Disney predominam os estereótipos de que as pessoas precisam encontrar parceiros afetivos para se realizarem e que as mulheres conquistam a “felicidade” eterna ao encontrar um homem que seja considerado como seu “príncipe”. De forma semelhante, um estudo realizado por Rocha-Coutinho (2004, p. 12), com estudantes universitárias, sinalizou que mesmo estudando e se preparando para ter uma profissão, as mulheres solteiras sonham em se casar e usar o nome do marido, como foi destacado por uma das estudantes. “A minha felicidade no casamento é de botar a aliancinha no dedo, usar o nomezinho de meu companheiro”, Ou seja, apesar dos avanços e conquistas sociais femininas, alguns estereótipos, como os presentes nos filmes de princesas da Disney, continuam sendo reproduzidos na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado foi possível notar que historicamente a mulher vem conquistando papéis na sociedade que outrora não havia; pois, seu papel desempenhado era o restrito a área privada e não existia estudos que abordassem seu papel em sociedade e os que existiam falavam sobre sua beleza e heroísmo. Apenas aos homens eram destinados estudos relevantes, assim como a área pública lhes pertenciam e cargos de prestígios também.

Mas esta supervalorização das masculinidades deu-se por meio do imaginário social, sendo influenciada por histórias passadas de geração em geração onde se destacava sua força e inteligência. Historicamente a mulher sempre foi considerada inferior aos homens, contudo, o motivo dessa inferiorização não é apenas por causa das considerações masculinas realizadas sobre os gêneros femininos; visto que, a sociedade é composta pela interação de ambos os sexos vivendo num mesmo universo e relacionam-se entre si constantemente.

Foi especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial que as mulheres saíram do espaço privado e adentraram no mercado de trabalho, sendo evidenciado por meio das produções cinematográficas em animação do estúdio Walt Disney no período do século XX. É possível notar que a primeira princesa adaptada, sendo Branca de Neve e os Sete Anões em 1937, pois ela era uma garota a espera do seu príncipe encantado que viria para salvá-la de todos os seus problemas. A princesa tinha prazer ao realizar as tarefas domésticas, cuidar dos anões e não trabalhava fora, ou seja, a mulher ideal para a sociedade patriarcalista daquela época.

Somente após a Segunda Guerra Mundial e com as lutas femininas para entrarem no campo de trabalho é que houve alterações na realização da nova princesa Disney Mulan de 1998. Contudo, a constituição da identidade feminina daquela época de “Hua Mulan” datada do século VI, já mostra uma mulher

independente, forte, corajosa e altruísta, pois, alista-se na guerra não para conquistar riquezas e fama, e sim, para que seu pai não participe, por já estar avançado em idade.

A Disney apresenta a essência do conto em sua produção fílmica, contudo, o desfecho traz um “felizes para sempre” como de costume em suas produções, divergente das versões existentes do conto. Dessa maneira, quando esses contos ou adaptações encontram o público infanto-juvenil, proporcionam uma forma de verem seus medos e angústias representados em personagens unidimensionais, mostrando-lhes onde se encontram, sugerindo que seus conflitos internos serão solucionados brevemente.

Portanto, além de sugerir soluções para seus problemas internos, permitirá a análise das mudanças sobre as representações femininas fílmicas, proporcionando a este público analogias de como as mulheres eram representadas no século XX, com mais 50 anos de distância de uma princesa a outra. Permitindo a verificação da ascensão feminina de forma gradativa na sociedade.

Changes in the feminine representations of the study Walt Disney of the twentieth century: the Snow White classic princess (1937) and the revolutionary Mulan (1998)

ABSTRACT

During the twentieth century changes occurred in the female film representation in the productions of the Walt Disney Studios, according to the advances of the society and consequently of the feminine sort. Thus, the objective of this study is to analyze the changes occurred in the female representations of two Disney animated films of the twentieth century - Snow White and the Seven Dwarfs of 1937 and Mulan 1998 - as well as reflect on the discourse transmitted to the children's audience for these films. The research is based on analyzes of documents referring to films, websites, books, among others that approach the studies of the feminine gender and its rise in the society. Based on the analyzes, it is possible to see that women are represented by Disney according to the ideal model of patriarchal society, as demonstrated in 1937 by Princess Snow White. Given that there has been a significant social change after the entry of women into the labor market, advances on the female gender are portrayed in 1998, through the transgressing behavior of Princess Mulan, who goes to war in place of her father. For this latest production, Disney relies on the original Chinese tale, but adds elements to an outcome commonly found in her productions about princesses: the well-known "happily ever after."

KEYWORDS: Female gender. Disney Princess. Fairy tale.

Cambios en las representaciones femeninas fílmicas del estudio Walt Disney del siglo XX: la princesa clásica Blanca de Nieve (1937) y la revolucionaria Mulan (1998)

RESUMEN

Durante el Siglo XX ocurrieron cambios en la representación fílmica femenina en las producciones de los estudios Walt Disney, de acuerdo con los avances de la sociedad y consecuentemente del género femenino. De esta forma, el objetivo de este estudio es analizar los cambios ocurridos en las representaciones femeninas de dos películas de animación del estudio Disney del siglo XX - Blancanieves y los Siete Enanos de 1937 y Mulan de 1998 -, así como reflexionar sobre el discurso transmitido al público infanto-juvenil por esas películas. La investigación se basa en análisis de documentos referentes a películas, sitios, libros entre otros que aborden los estudios del género femenino y su ascenso en la sociedad. Con base en los análisis realizados, es posible percibir que las mujeres son representadas por Disney de acuerdo al modelo ideal de la sociedad patriarcalista, como demostrado en 1937 por la princesa Blanca Nieves. En vista de que hubo un significativo cambio social tras la entrada de las mujeres en el mercado de trabajo, los avances en relación al género femenino se retractan en 1998, por medio del comportamiento transgresor de la princesa Mulan, que va a la guerra en lugar de su padre. Para esta última producción, Disney se basa en el cuento original chino, pero añade elementos para un desenlace comúnmente encontrado en sus producciones sobre princesas: el conocido "felices para siempre".

PALABRAS CLAVE: Género femenino. Princesa de Disney. Cuento de hadas.

NOTAS

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eveline Lima de Castro; BARROS, Marina Kataoka. A representação Feminina nos contos de fadas das animações de Walt Disney: a resignificação do papel social da mulher. 2015. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. *Anais...*, Natal RN, Intercom, 2015, p. 1-15.

BATISTA, Eraldo Carlos; REIS, Jane Gonçalves; SOUZA, Mariley Ribeiro de. *A Importância dos Contos de Fada na Formação da Personalidade Infantil*. 2015. Disponível em: <<https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/a-importancia-dos-contos-de-fada-na-formacao-da-personalidade-infantil>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

BETTELHEIN, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

BREDER, Fernanda Cabanez. *Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney*. Rio de Janeiro, 2013. 74 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social/Jornalismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2013.

CARVALHO, Ana Elisa Alves de. *Personagens femininas em animações dos estúdios Disney: transformações de perfis em mulheres complexas*. Monografia. 2014. 85 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GABLER, Neal. *Walt Disney: o triunfo da imaginação americana*. Tradução: Ana Maria Mandim. Osasco: Novo Século, 2009.

GONÇALVES, Josiane Peres; TERNOVOE, Janaina dos Santos. Desafios Vivenciados por Mulheres Universitárias de Mato Grosso do Sul, que são Mães, Profissionais e Donas de Casa. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*. Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 116 - 142, ago./dez. 2017.

KLIMCZAK, Natalia. *The Ballad of Hua Mulan: The Legendary Warrior Woman Who Brought Hope to China*. 2016. Disponível em: <<http://www.ancient-origins.net/history-famous-people/ballad-hua-mulan-legendary-warrior-woman-who-brought-hope-china-005084?nopaging=1>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

MACHADO, Patrícia Santos. *A mulher além do bem e do mal: Malévola e a representação cinematográfica do feminino integrado*. 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016.

NADER, Maria Beatriz. A condição masculina na sociedade. *Dimensões - Revista de Histórias da UFES*. Vitória: UFES, n. 14, 2002.

NETO, Renato Drummond Tapioca. *A balada de Hua Mulan – a lenda da guerreira mais famosa da China*. 2016. Disponível em: <<https://rainhastragicas.com/2016/09/03/a-balada-de-hua-mulan/>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. *As páginas da beleza*. As representações sobre a beleza feminina na imprensa (1960-1980). 2001. 164 f. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato uma experiência. *Cadernos Pagu*. São Paulo, n. 4, p. 9-28, 1995. Disponível em: <file:///D:/Usuarios/Usuario/Downloads/cadpagu_1995_4_2_PERROT.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2017.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIMENTA, Kareen Arnhold. *Estereótipo de princesas: a representação feminina nos desenhos clássicos animados da Disney*. 2009. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil*. Temas em Psicologia da SBP. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 2-17, p. 2004.

SOUZA, Liliane Lima de; FERNANDES, Francisco Felipe Paiva. A performatividade do gênero nos enunciados fílmicos infantis: o efeito de um discurso heteronormativo. *Congresso Nacional de Educação*. 2009. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA11_ID5224_09092015114938.pdf. Acesso em: 12/12/2017.

TOZI, Marcela. *A conquista do direito ao voto feminino*. 2017. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/conquista-do-direito-ao-voto-feminino/>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

Recebido: 17 dez. 2017.

Aprovado: 08 nov. 2018.

Como citar:

FERREIRA, Verônica Caroline de Matos, GONÇALVES, Josiane Peres. Mudanças nas representações femininas fílmicas do estúdio Walt Disney do século XX: a princesa clássica Branca de Neve (1937) e a revolucionária Mulan (1998). *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v.11, n. 38, p. 5-19, jul./dez. 2018.

Correspondência:

Verônica Caroline de Matos Ferreira. Rua Aristides Brida nº157, Jardim Progresso, CEP 79950-000, Naviraí-MS

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

